



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO**

**Transição para a vida adulta:
Questões de classe e gênero na saída do ninho no Brasil**

Leticia Silva Sousa

**Brasília
2017**

Letícia Silva Sousa

**Transição para a vida adulta:
Questões de classe e gênero na saída do ninho no Brasil**

Monografia apresentada como requisito
Para obtenção do diploma de graduação
em Sociologia pelo Departamento de
Sociologia da Universidade de Brasília,
sob orientação da Professora Doutora
Ana Cristina Murta Collares.

Brasília - DF
1/2017

Letícia Silva Sousa

**Transição para a vida adulta:
Questões de classe e gênero na saída do ninho no Brasil**

Monografia apresentada como requisito
Para obtenção do diploma de graduação
em Sociologia pelo Departamento de
Sociologia da Universidade de Brasília,
sob orientação da Professora Doutora
Ana Cristina Murta Collares.

Aprovada em: 06/07/2017

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Ana Cristina Murta Collares (orientadora)
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB)

Professor Doutor Emerson Ferreira Rocha (examinador)
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB)

Brasília - DF
1/2017

À Natália.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Ana Cristina, pela dedicação ao trabalho, constante incentivo e principalmente paciência, sem os quais a realização desta monografia seria impossível.

À minha mãe Valdete, pela credibilidade em mim depositada durante toda a minha jornada na Universidade de Brasília, pelo carinho, cuidado e auxílio sobretudo na reta final deste trabalho.

Ao meu pai Manoel, pelas caronas às seis da manhã, pelos debates incansáveis, por sempre acreditar em mim e na minha capacidade intelectual. Particularmente por saber a hora de me fazer parar um pouco para tomar uma taça de vinho.

Ao João, meu irmão. Que mesmo não entendendo nada do trabalho se dispôs a lê-lo inteiro e fez parte dessa etapa, por ser meu melhor amigo sempre, pelo carinho que tem comigo e lealdade.

Aos meus familiares, que mesmo de longe, festejam as minhas conquistas e compartilham da minha felicidade. Agradeço às minhas tias e tios pelo carinho e almoços no domingo, aos meus primos, à minha madrinha e à minha família de coração, Márcia, Jesiel, Mairi e Joelson pelos jantares e conversas de sexta à noite.

Às amigas e amigos da UnB que me auxiliaram seja para pegar matérias aleatórias, conversar durante horas no Centro Acadêmico de História para reclamar da comida do RU, até os que estiveram empenhados em me ajudar nessa etapa final, em especial os que cativei no intercâmbio do árduo trajeto Gama e UnB e na empresa júnior SOCIUS.

Às amigas e amigos de vida que me acompanham, mesmo que de longe, e aos mais presentes especialmente Polvilho, Rebeca, Martins e Erick.

À Bianca, por toda a paciência, carinho e ajuda sempre, sem seu incentivo esse trabalho nem sairia do plano das ideias.

RESUMO

O presente trabalho buscou identificar o impacto das questões de gênero e de classe sobre a decisão dos jovens brasileiros de sair da casa dos pais. Com o objetivo de testar duas hipóteses principais e algumas hipóteses secundárias, analisou-se o impacto da variável sexo na chance de um jovem permanecer na casa dos pais até os 29 anos, assim como, tentou-se identificar a influência da renda familiar na decisão de deixar ou permanecer no ninho. Por meio da análise de micro dados coletados da PNAD, foram efetuadas sete regressões logísticas. A coorte escolhida abrange o período de 15 a 29 anos de idade, ou seja, a fase convencionalmente chamada de juventude segundo o IPEA e a Secretaria Nacional de Juventude (Lei n. 11.129/2005, art. 11). Resultados sugerem que as mulheres ainda possuem uma maior tendência a sair de casa mais cedo que os homens e que o fator trabalho tomado isoladamente não afeta significativamente a chance de morar com os pais. Indicam também que a renda é determinante nas chances do jovem brasileiro de deixar a casa dos pais.

Palavras-chave: *Transição para a vida adulta – Nest Leaving – Saída do ninho – Juventude.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. JUVENTUDE	10
1.1 Transição para a vida adulta	11
1.2 A Juventude brasileira	12
2. A SAÍDA DO NINHO	13
2.1 Questões de pesquisa	16
3. DADOS E METODOLOGIA.....	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXO	34

INTRODUÇÃO

A saída da casa dos pais, ou saída do ninho, traduz um momento em que os jovens adultos adquirem independência emocional e financeira. Este marco na transição, atrai a atenção de muitos pesquisadores (COLLARES, 2013) (CAMARANO et al., 2004) (OLIVEIRA, 2014). Na tentativa de compreender o fenômeno, diversas condicionantes e características, são por eles observados. Em suas pesquisas, uma tendência na mudança das determinantes explicativas da saída dos jovens da casa dos pais, pode ser detectada. Apesar do casamento ter sido tradicionalmente considerado um importante marco, o declínio da família tradicional e o surgimento de arranjos alternativos, seja onde os indivíduos escolhem morar sozinhos ou se juntar informalmente, tem concedido, nos últimos anos, uma maior significância para as variáveis educação e mercado de trabalho. É importante destacar que o processo se dá de maneira distinta para homens e mulheres, se alterando de acordo com a localidade e o tempo, e em recortes de renda diferentes.

Como observado por Collares e Novak (2010), o processo da saída, pode ser um indicador de classe social. Com a crescente necessidade de qualificação no mercado de trabalho, os jovens têm dedicado mais tempo para os estudos. No Brasil, uma grande parcela de famílias, não conseguem arcar com as despesas da educação e de uma residência própria para os jovens adultos, o que resulta num prolongamento da juventude, no qual, os jovens que não tem a necessidade de trabalhar para contribuir com a renda familiar, podem permanecer na casa de seus pais para adentrar no ensino superior. Apesar das tendências aqui citadas, no Brasil, as pesquisas do tema ainda são escassas e precárias, o que pode ser explicado pela dificuldade encontrada nas bases de dados do país, que carecem de dados longitudinais, essenciais para pesquisas de cunho quantitativo.

Com base na discussão apresentada sobre a saída do ninho para os jovens brasileiros, o trabalho proposto objetiva testar duas hipóteses principais, e três hipóteses secundárias que são passíveis de análise dentro dos dados observados. A primeira hipótese principal pretende identificar o impacto da variável sexo na chance de um jovem deixar a casa dos pais. Ao testar essa hipótese, algumas hipóteses secundárias também serão analisadas. Testaremos, por exemplo, se o casamento é um dos principais condicionantes dessa saída do ninho mais cedo para as mulheres. Se a participação no mercado de trabalho seria um fator de saída relevante tanto para os homens quanto para as mulheres, e assim a probabilidade de sair da casa dos pais para as mulheres e homens que trabalham é mais próxima do que a das mulheres e homens que não trabalham. E se

a fecundidade seria um fator relevante para explicar positivamente a saída de casa para as mulheres.

A segunda hipótese principal visa perceber se os jovens com renda familiar mais baixa possuem maior probabilidade de sair da casa dos pais nessa faixa etária do que indivíduos das faixas mais altas de renda. No intuito de atender ao objetivo dessa pesquisa e testar suas hipóteses, será utilizada a metodologia de regressão logística.

Foram utilizados dados provenientes da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), tendo como população de análise os indivíduos de 15 a 29 anos, sendo este o recorte ditado pela Secretária Nacional de Juventude, que define como jovens os pertencentes a esta faixa-etária (Lei n. 11.129/2005, art. 11).

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, uma discussão sobre o surgimento da juventude e a importância de sua análise será abordada. O segundo capítulo, traz uma contextualização sobre a saída do ninho. Após traçar um breve panorama sobre a saída da casa dos pais no Brasil e em pesquisas da área, também serão apresentadas as questões de pesquisa que norteiam o trabalho.

No capítulo 3, são apresentados, os dados e a metodologia de pesquisa utilizada. O capítulo 4 apresenta os resultados dos modelos logísticos. Por fim, o capítulo 5 trata das considerações finais.

1. JUVENTUDE

Ao estudar a história da sociedade, é possível observar uma mudança drástica nos costumes individuais no decorrer do século XX. Anteriormente, a trajetória de vida ocidental se baseava na construção e manutenção da instituição família, onde o seguimento de dogmas e normas era cuidadosamente ordenado e mantido de forma previsível. Ao nascer, o indivíduo sabia qual era o seu papel esperado no mundo, baseando-se em fatores como localidade, cor da pele, classe social e gênero.

O século XX foi um período de grandes e intensas transformações. Denominada como a “Era dos extremos”, a humanidade assistiu o mundo se dividir com duas guerras totais, produzir como nunca antes e cair em abismos de crises econômicas (HOBSBAWM, 1995). Concomitante a isso, a trajetória da vida humana também sofre, em diferentes proporções, inúmeras mudanças. Influenciada diretamente por revoluções econômicas e sociais, a vida privada se transformou com as mudanças no modo de produção, o avanço tecnológico e as revoluções feministas e movimentos negros que estouraram no meio do século. Na sociedade ocidental democrática, mulheres e indivíduos de diferentes raças e etnias, ainda que não usufruindo direitos iguais, não mais tinham suas funções delimitadas por leis e costumes rígidos. A instituição da família teve sua estrutura milenar modificada e a sociedade entrou em um processo crescente de individualização, uma total flexibilização das trajetórias individuais.

Estas transformações na ordem social, econômica e cultural se refletiram diretamente em mudanças nas trajetórias de vida dos indivíduos nas sociedades ocidentais, mudanças essas que, vale ressaltar, foram diferentes para homens e mulheres e por classe social. Houve, em geral, um aumento na idade média do casamento e das uniões informais, um adiamento do início da fecundidade, juntamente com um crescente aumento na escolarização e perspectivas profissionais. Essas mudanças nas expectativas sociais foram responsáveis pelo surgimento de um período intermediário entre a transição da infância para a vida adulta, denominado adolescência ou juventude. Esta situação diferia em muito da maneira como era realizada a transição para a vida adulta, tanto na duração dessa transição quanto nas suas características, em relação aos séculos anteriores. Até o início do século XX, o conceito de juventude como hoje é concebido ainda inexistia e os indivíduos passavam diretamente da condição de criança para adulto.

Muito se tem pesquisado em relação a esse período de transição que caracteriza uma determinada faixa etária a partir do século XX, especialmente na área da demografia. Pesquisas relativas ao Brasil ainda são escassas, especialmente na última década. Este será o foco maior deste trabalho, que se concentra em um dos aspectos dessa transição elencados como relevantes na época atual, ou seja, a saída dos jovens da casa dos pais, ou “saída do ninho” (CAMARANO et al., 2004).

1.1 TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA

Mello (2005), define a juventude como uma fase de transição entre os limites da dependência e da autonomia. O ponto de partida que liga diretamente à incorporação do conceito juventude como fase distinta da vida na maior parte da literatura relacionada é o adiamento do casamento e, conseqüentemente, da formação de um novo lar. Além disso, o adiamento e a crescente especialização do mercado de trabalho fizeram com que os indivíduos dedicassem maiores frações de tempo para a educação formal, o que por sua vez tarda a entrada no mercado de trabalho. A ligação destes fatores levou ao prolongamento da juventude, tornando a regulação das trajetórias de transição para a vida adulta cada vez mais fluidas.

É importante destacar que o período da juventude não se reduz a uma passagem, visto que os jovens se apresentam como sujeitos sociais, tendo autonomia para constituir e estabelecer relações no seu cotidiano (OLIVEIRA, 2016). Entretanto, o retrato da juventude como fase de transição, mostra-se de grande importância nas pesquisas dessa faixa etária. Como afirmado por Camarano (2004, p.18)

Optar por uma definição de juventude como fase de transição pode ser útil, no entanto, para se observar como os processos de inserção social e econômica dos jovens transformam-se no tempo. A importância dessa definição reside no fato de que, nesse período, escolhas e decisões fundamentais são tomadas em direção a um futuro com menores sobressaltos.

Vale acrescentar que outros fatores além do casamento e do mercado de trabalho também são considerados muito relevantes no entendimento dessa transição, tais como o alcance educacional dos indivíduos, a fecundidade, e principalmente a saída da casa dos pais (KUGELBERG, 1998). Esses fatores diferem em magnitude de importância e até

mesmo na direção da influência de acordo com a cultura e o país investigado. Neste trabalho nos concentraremos no Brasil.

1.2 A JUVENTUDE BRASILEIRA

A assembleia geral da ONU definiu como jovens, no ano de 1985, pessoas entre 15 e 24 anos. O delineamento da faixa etária correspondente à juventude é fruto de estudos demográficos, onde o limite inferior indica os anos em que as funções sexuais e reprodutivas já estão desenvolvidas, o que diferencia a adolescência da infância. O limite superior, toda via, é subjetivo. É atribuída a idade em que comumente o indivíduo conclui a educação formal e se insere no mercado de trabalho. Camarano (2004), observa que as definições de jovem utilizadas no Brasil são sempre arbitrárias, dado que é uma definição que se encontra constantemente em transformação. Assim sendo, convencionou-se adotar a idade sugerida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), onde em conjunto com a Secretaria Nacional de Juventude, define como jovens aqueles que possuem entre 15 e 29 anos (Lei n. 11.129/2005, art. 11).

As autoras Ana Amélia Camarano, Juliana Leitão e Mello, Maria Tereza Pasinato e Solange Kanso (2004), através de uma análise de dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, de 1982 e 2002, traçam um panorama sobre a juventude brasileira. A pesquisa destaca as dimensões da escola, do trabalho e da família. A análise se faz necessária para entender como se dá o processo de emancipação do jovem no período de transição.

As autoras apontam que, no Brasil, o estudo da juventude teve seu início associado ao temor de uma explosão demográfica. Somente com a queda dos índices de crescimento populacional, o debate estende-se. A construção da imagem do jovem nos veículos midiáticos e estudos da área são observados com crítica. A figura do ser irresponsável e instável, como é em geral retratado o jovem, nega todas as transformações próprias do período. As autoras defendem que, uma análise da juventude despida de preconceitos e embasada em dados, é fundamental para a elaboração de políticas públicas adequadas.

Com o uso de tabelas, as autoras traçam o perfil dos jovens brasileiros no período de análise, no que se refere as áreas por elas destacadas. Isso é feito de modo a confirmar tendências observadas em estudos anteriores. São observados, entre outros fatores, a participação no mercado de trabalho e a frequência escolar, além da relação entre essas e

outras variáveis. As tendências mais recentes constatadas para o Brasil são o crescente aumento da escolarização na faixa-etária observada e um aumento na proporção de jovens que não estudam e nem trabalham. O grupo de mulheres entre 20 e 24 anos se mostra o único grupo que se desvia dos padrões estudados. A proporção de mulheres ocupadas se mantém aproximadamente constante, e a taxa de “não estuda e não trabalha”, decrescente. (CAMARANO et al., 2004; CAETANO, 2014)

Autores de diferentes áreas abordam o tema do prolongamento da juventude e da transição para a vida adulta. A literatura do tema é vasta nos Estados Unidos e na Europa, sendo que no Brasil, a pesquisa ainda é escassa, e foca principalmente nos aspectos qualitativos da juventude. Estudos demográficos como o de Camarano e colegas não são abundantes para a realidade brasileira. A explicação para tal fenômeno se dá pelas dificuldades metodológicas encontradas pelos pesquisadores, tendo em vista que as bases de dados brasileiras carecem de dados longitudinais, essenciais para a execução desta abordagem. É importante destacar também que, quando realizadas, as pesquisas no tema, em sua grande maioria, se referem a efeitos psicológicos ou à exposição de dados demográficos. Ademais, os estudos se concentram na análise de condicionantes específicas, como a educação ou o desempenho da economia em um período específico. (COLLARES; NOVAK, 2010; OLIVEIRA, 2016) Um dos condicionantes pouco estudados nesse contexto é o da saída do ninho, que será o foco principal da presente monografia.

2. A SAÍDA DO NINHO

Enquanto fatores como o casamento e o alcance educacional variam no tempo e entre sociedades como condicionantes preponderantes na transição para a juventude, sair da casa dos pais costuma ser uma constante nessa análise. A saída do ninho, como é chamado o momento em que o jovem deixa a casa dos pais para estabelecer sua independência financeira, se liga diretamente a um período marcado por escolhas cruciais. É o momento que, em geral, os jovens adultos escolhem suas profissões, casamento e uma qualificação educacional. Para facilitar a análise, a pesquisa assume o fenômeno como marco de transição para a vida adulta. Contudo, é preciso apontar as dificuldades geradas no delineamento da proposta. O momento da transição em geral pode ser detectado nos dados quando o jovem assume a condição de chefe do próprio domicílio, ou cônjuge deste.

Porém, com esse marco fica difícil definir a situação dos jovens que saíram da casa dos pais e continuam recebendo apoio financeiro e os jovens que se encontram ativos no mercado de trabalho e ainda residem com os pais.

Collares e Novak (2010), apontam que na América Latina, o casamento é o principal motivo da saída dos jovens da casa dos pais. No Brasil, nem mesmo as altas taxas de nupcialidade tem garantido a saída. Com a segunda transição demográfica, foi possível observar um declínio da fecundidade, um atraso na idade do primeiro casamento, bem como um aumento de uniões informais. Observa-se até mesmo um ligeiro aumento na porcentagem de jovens que permanecem na casa dos pais mesmo após o casamento. É importante destacar que o matrimônio constitui um importante indicativo para as mulheres latino-americanas, que têm uma maior tendência a se casarem cedo. No caso dos homens, o mercado de trabalho e a qualificação educacional são os fatores que constituem as principais condicionantes da saída. O aumento da taxa de jovens na educação superior é utilizado na tentativa de explicar o adiamento da idade do primeiro casamento e do primeiro filho, visto que, as famílias têm tido filhos cada vez mais tarde. (CAMARANO et al., 2004) (COLLARES; NOVAK, 2010)

Além de ser associada como um indicativo para a saída do ninho, a educação é, do mesmo modo, um indicador de classe social. Collares (2013), mostra que no Brasil, a maioria das famílias não conseguem arcar com uma qualificação na educação junto a despesas com outra residência. Dito isso, permanecer na casa dos pais, para os jovens que buscam entrar no ensino superior, se torna uma necessidade. Filhos de pais com melhores condições financeiras, tem mais chances de ficar em casa, em contraponto com os filhos de famílias de baixa renda, que tem a necessidade de entrar no mercado de trabalho antecipadamente, e conseqüentemente sair mais cedo da casa dos pais. Apesar do alto poder explicativo, a relação da educação com o aumento da duração da permanência em casa, não é necessariamente positiva.

Caetano (2014), critica a hipótese que afirma que, a racionalidade econômica entre os jovens que buscam uma qualificação educacional superior, desempenha um papel central, aumentando suas chances de inserção no mercado de trabalho e de um padrão superior de vida. Segundo a autora, a hipótese mais promissora, aponta que os jovens permanecem na casa dos pais por falta de amadurecimento psicossocial. Inclusive, afirma que esses jovens participariam menos de atividades extraclasse quando estão estudando. A pesquisa apresentada por ela, analisa os fatores psicológicos e sociais dos jovens em idade de

transição para a vida adulta. É importante destacar que a análise por ela apresentada, utiliza como marco, o status universitário. O que exclui, ou diminui fatores aqui abordados.

Camarano (2004), aponta que a escolarização já não é suficiente para garantir emprego ou estabilidade na escala social. No entanto, a condição já garantiu em um passado recente, uma alta probabilidade de ascensão social para muitos jovens. O processo tradicional de transição para a vida adulta, tem se alterado constantemente, dada sua fluidez. O ordenamento: educação, mercado de trabalho e saída do ninho, não tem ocorrido, necessariamente, dentro desta estrutura lógica. Em idades variadas, o processo é marcado pela dessincronização dos eventos. A observação da mudança, auxilia na constatação sobre como a definição da juventude se altera historicamente.

Com os movimentos feministas de empoderamento e igualdade, ocorreu uma flexibilização nos papéis de gênero. A transformação nas relações de poder, ligadas diretamente a necessidade de dupla renda para a sobrevivência familiar, permitiram a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Angelini, Laferrère e Pasini (2010), apresentam um estudo do fenômeno “nest leaving” que abrange todo o continente europeu, tendo como recorte cada país. Através da análise da história de vida de uma coorte que possui idade superior a 50 anos, ela observa os fatores comportamentais que influenciaram de maneira direta a decisão dos “jovens” na construção da independência. Fatores estes, que comporão a análise dos resultados esperados.

Os autores, em sua obra, apresentam o fenômeno do *push-pull effect of Family*, onde explica-se que no âmbito familiar, os recursos e as atitudes dos pais podem afastar ou puxar os filhos para casa, de duas formas. Os chamados pais altruístas, podem fornecer suas próprias casas como ambiente de segurança ou conforto, sendo que em alguns casos, os pais podem arcar com despesas e prover para os filhos uma casa própria. Há também os pais que não possuem condições ou não fornecem esses elementos, não propiciando um ambiente, seja por condições financeiras ou não, agradável para os filhos.

O fenômeno citado, visa explicar que o background familiar e econômico, tem efeitos diretos na trajetória dos jovens adultos. A situação vivenciada por eles em suas casas, podem leva-los a buscar uma maior independência, ou condicionar que esses jovens permaneçam mais tempo na casa dos pais. Quanto mais confortável o ambiente,

mais tempo o jovem tende a permanecer nele. Portanto, o efeito sugere que os jovens pertencentes as classes médias, ou altas, possuem uma tendência maior de permanecer em casa por um tempo prolongado. Salvo os casos em que as famílias propiciam financeiramente para os jovens um outro lar. Ademais, outros elementos são de importante contexto para o efeito, como o aumento da educação superior, a migração, que pode ou não se relacionar com a educação e a situação do mercado de trabalho. (ANGELINI et al., 2010)

A pesquisa europeia sugere que os jovens moradores de grandes cidades permanecem um tempo maior na casa dos pais, por conta do custo superior de casas em grandes centros, e os jovens de cidades menores ou rurais, antecipam a saída, pelo custo de vida barateado. Ademais, esses últimos também saem antes, porque uma parcela migra para grandes centros em busca de emprego.

Em seus resultados, Angelini, Laferrère e Pasini (2010), apontam que as mulheres tendem a sair de casa mais cedo, em média de dois a três anos em relação aos membros do sexo masculino. Na maioria dos países, o estudo destaca que o casamento é o fator determinante para o estabelecimento da própria casa, tendo índices diferentes em cada país. Entretanto, a pesquisa destaca que a porcentagem de mulheres que deixam a casa dos pais em razão do matrimônio, diminuiu drasticamente ao longo dos anos.

As condicionantes abarcadas ao longo do capítulo têm um alto índice explicativo no fenômeno da saída do ninho. Isto posto, outras determinantes também possuem grande relevância nas pesquisas do tema. Entretanto, de modo a não estender por demasiado a análise proposta, elas não serão abordadas. Como parte dos fatores, destacamos, a realização de uma análise sobre a condição socioeconômica do país, da taxa de desemprego, das taxas de criminalidade na juventude, do crescimento econômico, da inflação, da religião, da ocupação, do tamanho da composição familiar e do grau de dificuldade para conseguir financiamento para investir na educação.

2.1 QUESTÕES DE PESQUISA

Dada a contextualização apresentada, este trabalho pretende analisar uma importante dimensão deste processo de transição para a vida adulta, isto é, a saída do ninho. Visa alcançar uma compreensão sobre a decisão dos jovens brasileiros de sair da

casa dos pais ou de permanecer nela, e como esta transição para a vida adulta tem ocorrido no país.

Nesse sentido, o estudo proposto sobre a “saída do ninho” da juventude brasileira, tem como objetivo testar duas tendências observadas em estudos anteriores. Assim, elaboramos duas hipóteses principais e algumas hipóteses secundárias passíveis de serem observadas dentro dos limites dos dados utilizados.

A primeira hipótese principal (H1) objetiva identificar o impacto da variável sexo na chance de um jovem deixar a casa dos pais. As pesquisas apresentadas por Camarano (2004), Angelini, Laferrère e Pasini (2010), apontam que as mulheres têm uma maior tendência a sair do ninho primeiro, o que na literatura, pode ser explicado através da taxa de fecundidade e matrimônio, em relação as mulheres. É constatado também, que o nível educacional e a presença no mercado de trabalho, são fatores intervenientes nessa dinâmica entre elas. Assim, ao testar essa hipótese, testaremos também algumas hipóteses secundárias baseadas nesses fatores intervenientes.

A hipótese H1 e suas hipóteses secundárias estão elencadas abaixo:

H1 – No Brasil em tempos atuais, as mulheres ainda têm a tendência a sair de casa mais cedo do que os homens.

H1.a – A participação no mercado de trabalho seria um fator de saída relevante tanto para os homens quanto para as mulheres, e assim a probabilidade de sair da casa dos pais para as mulheres e homens que trabalham é mais próxima do que a das mulheres e homens que não trabalham.

H1.b – O casamento é um dos principais condicionantes dessa saída do ninho mais cedo para as mulheres.

H1.c – A fecundidade seria um fator relevante para explicar positivamente a saída de casa para as mulheres.

A literatura internacional lida com a renda familiar como um fator determinante, o que pode ser observado no fenômeno indicado por Angelini, Laferrère e Pasini (2010), o *Push-pull effect of Family*, onde o ambiente familiar do jovem tem uma influência direta no seu processo de emancipação através da saída do ninho, sendo que a renda familiar

impacta diretamente no conforto e na permeância do indivíduo. Isto posto, a segunda hipótese principal se refere às diferenças de classe social ou faixas de renda nas probabilidades de saída do ninho.

Com base neste e em outros estudos, apresentamos abaixo a segunda hipótese principal do trabalho, a hipótese H2:

H2 – Indivíduos com renda familiar mais baixa possuem maior probabilidade de sair da casa dos pais nessa faixa etária do que indivíduos das faixas mais altas de renda.

3. DADOS E METODOLOGIA

Para testar as hipóteses apresentadas, utilizaremos uma abordagem empírica e uma base de dados de representatividade nacional: A Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A PNAD foi implementada no Brasil no ano de 1967, objetivando aumentar o número de informações disponíveis sobre o desenvolvimento socioeconômico do país. As informações coletadas visam atender propósitos múltiplos, incluindo questões que investigam aspectos gerais da população brasileira, como educação, habitação, migração, nupcialidade, fecundidade, etc.

A partir de 1970, os resultados começaram a ser coletados anualmente, com interrupções periódicas nos anos em que o Censo Demográfico ocorreu (até o presente momento em 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010). Com a utilização da base de dados apresentada, se torna possível analisar variáveis como renda, migração e educação superior, tal como fatores que caracterizam a população, como sexo, fecundidade, cor da pele e estado civil. O recorte de idade escolhido é ditado pela Secretária Nacional de Juventude, que define como jovens aqueles que possuem entre 15 e 29 anos (Lei n. 11.129/2005, art. 11).

Para testar a probabilidade da saída do ninho para os jovens brasileiros de acordo com as hipóteses levantadas, nos propomos a utilizar a técnica da regressão logística. Na variável resposta, optamos por testar a probabilidade de estar na casa dos pais (sucesso) contra a probabilidade de não estar vivendo na casa dos pais (fracasso). Assim, a variável resposta é uma variável dicotômica onde 0 = não vive na casa dos pais e 1 = vive na casa

dos pais. Embora essa variável esteja na direção oposta à da esperada nas hipóteses, ou seja, ela representa a probabilidade de *permanência* no ninho e não de *saída*, optamos por utilizar esse formato por facilidade de codificação e interpretação da variável.

Ela é derivada da variável v0401 da PNAD – posição no domicílio – onde “filho” passa a ser codificado como 1 e as demais posições como 0.

As demais variáveis utilizadas nos modelos logísticos e análises exploratórias do trabalho são:

- Sexo - Variável dicotômica em que 1 indica “homens” e 0 indica “mulheres”. (v0302)
- Status conjugal - Variável dicotômica, onde 1 significa vive ou viveu com cônjuge ou companheiro e 0 indica solteiro. (v4111)
- Classe social - Para testar classe social, utilizamos, além das variáveis de controle relacionadas a classe, uma variável derivada da renda familiar como *proxy* de classe social na PNAD (v4722). Essa variável, denominada “quartil 4” corresponde a uma *dummy* onde 1 corresponde a estar no último quartil ou quartil superior de renda e 0 a estar nos demais quartis.
- Renda - Para criar a variável renda, calculamos o logaritmo neperiano (para aprimorar questões de arredondamento e imputação de valores ausentes) da variável renda familiar e dividimos essa variável na forma logarítmica em quartis. Criamos então, uma variável *dummy* indicativa de estar no último quartil, o mais alto quartil de renda ($x = 1$) contra todos os demais quartis. Os valores iguais a zero ou ausentes, foram imputados como 0,01.
- Status de trabalho – Variável dicotômica em que 1 indica se os indivíduos se encontram economicamente ativos e 0 para os demais (na PNAD, v4704).
- Fecundidade – Variável v1101 transformada em *dummy*, ou seja, 1 indica se já teve filhos nascidos vivos e 0 se a mulher nunca teve filhos.

Na análise logística também foram incluídas variáveis de controle que indicam a região geográfica do país (Sudeste contra todas as demais regiões), cor da pele (v0404 - dividida entre brancos e amarelos *versus* pretos, pardos e indígenas), idade em anos

(v8005), nível educacional (v0602 – onde duas variáveis foram utilizadas, nível superior e pós-graduação *versus* todos os outros níveis de educação).

Pela curta variação da idade, entre 15 e 29 anos, estamos assumindo que a relação entre idade e permanência na casa dos pais nesse modelo seja razoavelmente constante. Essa pressuposição será testada mais adiante.

A escolha da PNAD de 2014, foi feita considerando-se que a base era a mais recente disponível ao início da pesquisa. Todas as análises foram feitas utilizando o peso populacional providenciado pela própria base de dados (v4729). Para a análise dos dados coletados, conforme já informado, será utilizada a metodologia estatística de regressão logística.

O modelo básico para essa análise é:

$$\log \left[\frac{\Pr(y=1)}{\Pr(y=0)} \right] = \beta_0 + \beta_1 \text{idade} + \beta_2 x_2 + \sum \beta_i X_i$$

Nesse modelo, y corresponde a probabilidade de estar na casa dos pais, a variável idade é utilizada como controle em todos os modelos e x_2 , a variável de interesse, varia de acordo com a hipótese a ser testada. x_2 pode então ser casamento, trabalho, fecundidade ou renda. X_i representa as demais variáveis de controle (região, raça e educação). Em alguns modelos, também foram incluídas interações.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira tendência possível que queremos evidenciar é que as mulheres saem de casa mais cedo, como indicado na literatura (CAMARANO et al., 2004). Para isso, faremos duas simples tabelas de contingência, referentes à relação da variável sexo com a variável resposta “morar na casa dos pais”.

Tabela 1 - A
Jovens que moram na casa dos pais – (H1) - Distribuição por sexo
(Resultados em razões de chance)

Sexo	Não morar com os pais (0)	Morar com os pais (1)
Mulher	55,94	45,65
Homem	44,06	54,35
Total	100,00	100,00

Nota: Todos os valores foram significantes com Alpha <0.05

Tabela 1 - B
Chance de estar na casa dos pais - (H1) - Impactos da variável sexo
(Resultados em razões de chance)

Sexo	Não morar com os pais (0)	Morar com os pais (1)	Total
Mulher	47,94	52,06	100,00
Homem	37,86	62,14	100,00

Nota: Todos os valores foram significantes com Alpha <0.05

Na primeira tabela, temos a porcentagem de homens e mulheres na faixa etária considerada que ainda permanecem na casa dos pais de acordo com a PNAD de 2014. Nessa tabela, de 100% dos jovens que reportam viver na casa dos pais, 45,65% são mulheres e 54,35% são homens. Ou seja, temos mais jovens do sexo masculino que vivem na casa dos pais do que jovens do sexo feminino.

Na segunda tabela, vemos que, de todas as mulheres jovens da nossa amostra 52,06% moram com os pais, enquanto que, 62,14% de todos os homens na mesma faixa-etária, permanecem na casa dos pais. A hipótese H1 resistiu ao teste até o momento: mais homens jovens do que mulheres jovens reportam viver na casa dos pais em 2014. Resta agora identificar as possíveis causas da permanência dos homens no ninho em maiores

porcentagens do que as mulheres. Isso será testado através dos modelos de regressão logística descritos a seguir, e mostrados na tabela 2.

Tabela 2
Chances de estar na casa dos pais - (H1) - Impactos da variável sexo
(Resultados em razões de chance)

Variáveis	Modelo Base	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7
Idade	0,82	0,82	0,82	0,82	0,91	0,91	0,88	0,92
Sexo (Homem = 1)		1,57	1,57	2,75	1,17	1,08		
Casamento (Casado =1)					0,03	0,02		0,31
Trabalho (Trabalha =1)			1	1,31				
Fecundidade (Tem filhos =1)							0,18	0,50
Casamento*sexo						1,57		
Trabalho*sexo				0,47				

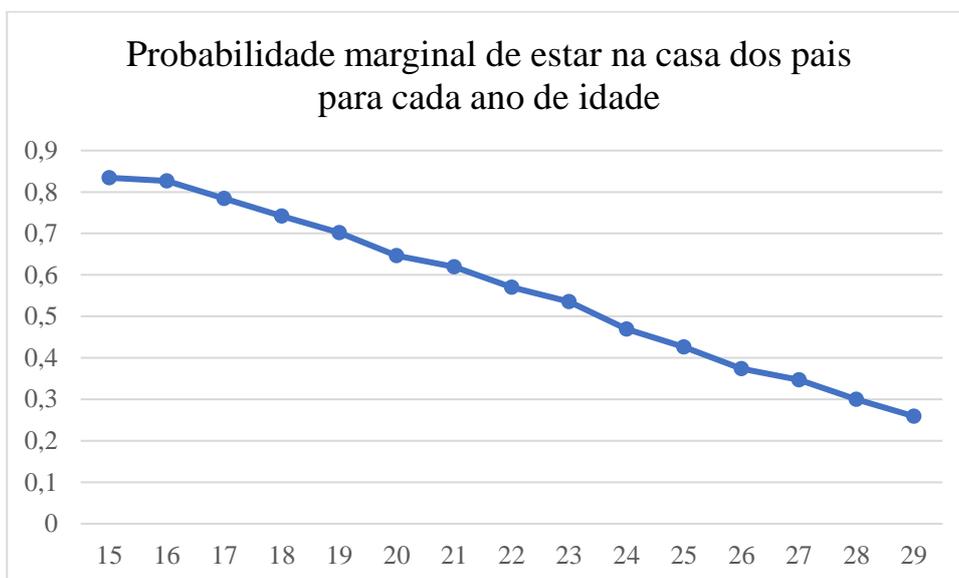
Nota: Todos os valores foram significantes com Alpha <0.05

A variável resposta para a tabela 2 é a probabilidade de estar vivendo na casa dos pais no momento da aplicação do questionário da PNAD. Embora não ideal, essa variável é uma *proxy* razoável do nosso fator de interesse, que é o momento da saída do ninho de jovens de 15 a 29 anos no Brasil.

A tabela 2 contém um modelo-base apenas com a idade, mostrando que, quanto mais velhos os jovens, menor a tendência de permanecerem na casa dos pais, de forma condizente com o esperado. O efeito da idade não se modifica com o acréscimo de outros controles, permanecendo como uma redução em 18% da probabilidade de permanência na casa dos pais a cada ano a mais na idade dos jovens. Poder-se-ia pensar que esse efeito da idade não fosse constante ao longo dos anos, justificando a inclusão de algum termo

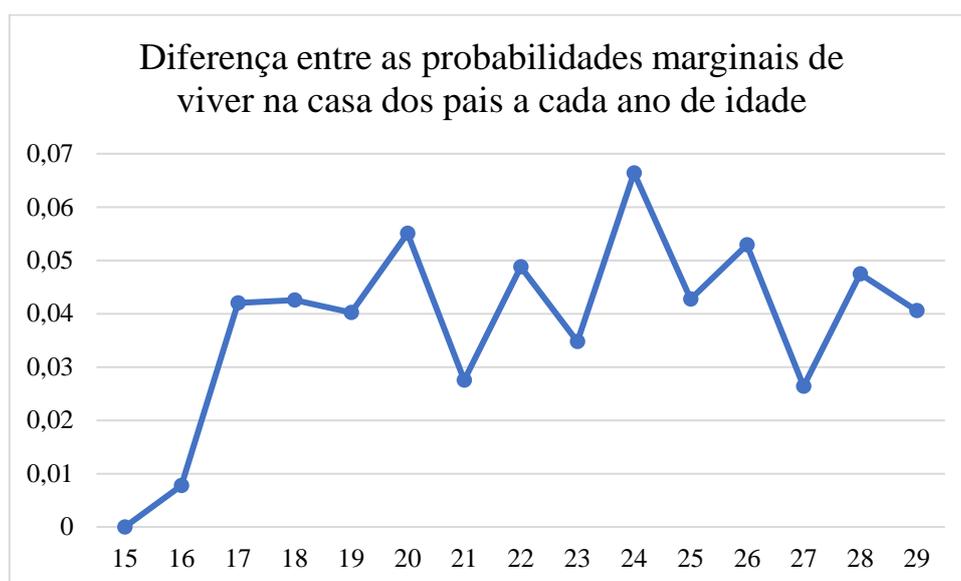
adicional para corrigir a forma da relação. A fim de justificar nossa pressuposição da constância da relação entre idade e saída do ninho, testamos, para o modelo base, as probabilidades marginais de permanecer na casa dos pais para cada ano adicional. Conforme mostrado no gráfico 1 abaixo, a relação, com exceção da variação entre 15 e 16 anos, pode ser considerada razoavelmente linear, ou seja, a diferença para cada ano adicional de idade na probabilidade de estar na casa dos pais é semelhante para todos os anos considerados.

Gráfico 1



O gráfico 2 reforça visualmente essa afirmativa ao mostrar a diferença das probabilidades marginais entre cada ano de idade e o ano anterior. Apesar das variações, observa-se nesse gráfico que elas são pequenas (observar a escala) e não seguem um padrão.

Gráfico 2



Continuando a análise, o modelo 1 na tabela 2 inclui as variáveis idade e sexo. Nesse modelo, ser homem, controlado por idade, dá uma chance 57,5% maior do para as mulheres de estar morando na casa dos pais, nessa faixa-etária, assim como já visto nas tabelas 1a e 1b.

Em seguida, testamos, no modelo 2 da tabela 2, as chances de a entrada no mercado de trabalho, um dos fatores mais relevantes na literatura para assinalar a transição para a idade adulta, aumentarem as chances de saída do ninho (H1.a). Para testar a hipótese do trabalho, o modelo 2 inclui a variável trabalho.

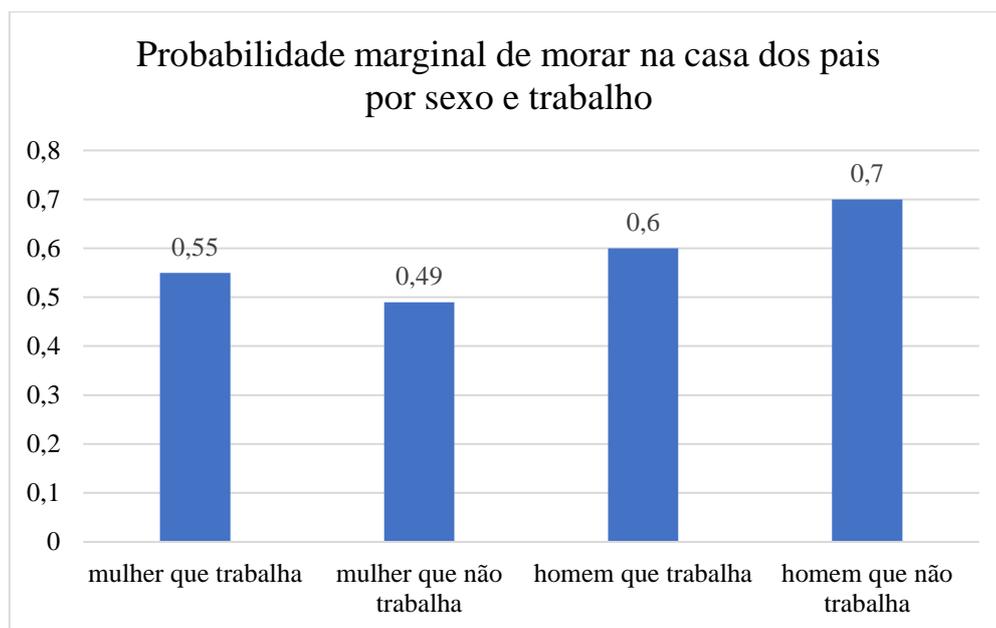
Constatou-se, a partir do modelo 2, que trabalhar não afeta o efeito de ser homem porque, nessa hipótese, o efeito de ser homem é praticamente o mesmo do modelo 1, 57%. As razões de chance de morar na casa dos pais, dado que trabalha, são praticamente iguais a 1, ou seja, o trabalho tomado isoladamente não afeta a chance de morar com os pais.

Diante do resultado observado, um novo modelo é proposto, o modelo 3, onde acrescentamos uma interação entre trabalho e sexo. No modelo 3, as razões de chance de morar na casa dos pais dado que é homem, são praticamente três vezes maiores do que as chances das mulheres ($Odds = 2.75$). Só que nesse caso, a interação faz com que o efeito de ser homem seja apenas o efeito de ser homem que não trabalha. Para os homens que trabalham, esse efeito ainda é alto, porém menor. Pouco mais do que duas vezes maior do que o de ser mulher se considerarmos que o efeito da interação é menor do que 1 ($Odds = 0.47$). Como é muito difícil interpretar interações em modelos logísticos, especialmente

em termos de razões de chance, calculamos as probabilidades marginais de estar na casa dos pais para os modelos 2 (por sexo) e 3 (por sexo X trabalho) utilizando o comando *margins* do software STATA. No caso do modelo 2, a probabilidade marginal de estar na casa dos pais para os homens, controlando por trabalho, é de 0,62 e para as mulheres é de 0,52, mantendo a diferença encontrada no modelo 1.

Porém, com a interação entre sexo e trabalho, essa relação fica mais complexa. As probabilidades marginais foram calculadas nesse modelo para todas as categorias de interesse, ou seja, homens que trabalham e que não trabalham e mulheres que trabalham e que não trabalham. O resultado é mostrado no gráfico 3. Por esse gráfico, vemos que a probabilidade de estar na casa dos pais no caso dos homens, é maior para aqueles que não trabalham, enquanto que para as mulheres, é maior para aquelas que trabalham.

Gráfico 3



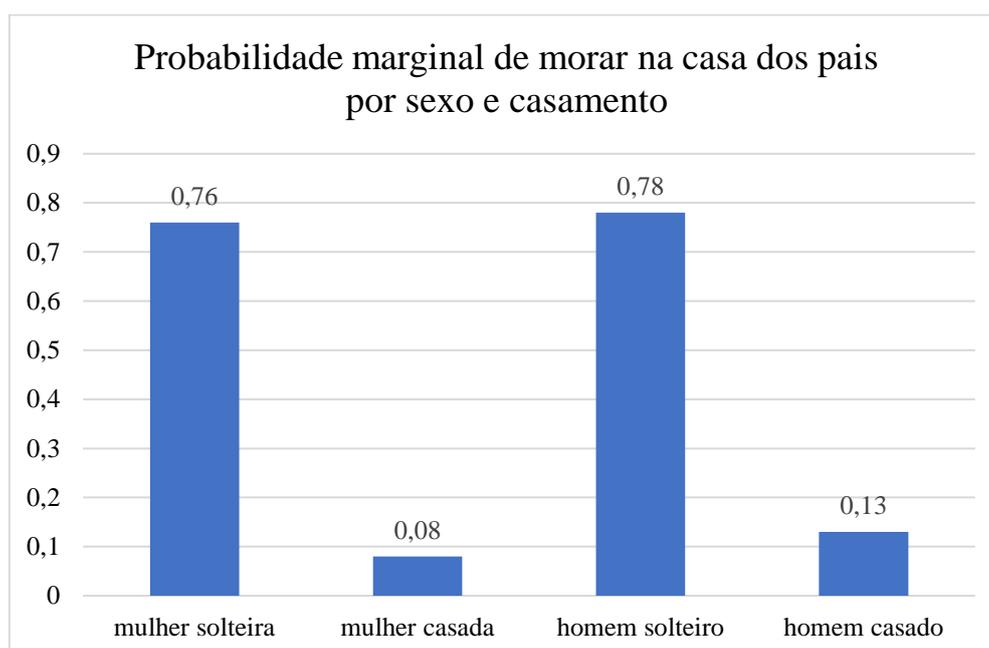
Novas análises seriam necessárias para explicar essa diferença. Uma hipótese possível é a de que, como as mulheres casam em média mais cedo do que os homens, o casamento seria uma força maior para a saída do ninho para estas do que o trabalho. Aquelas que trabalham talvez tenham maior probabilidade de não ser casadas e por isso permanecerem na casa dos pais. Nos modelos 4 e 5 testamos a hipótese da importância do casamento como influência da saída do ninho tanto para mulheres jovens quanto para homens jovens.

O modelo 4 da tabela 2 testa a hipótese de que o casamento é um dos principais condicionantes da saída do ninho para as mulheres (H1.b). Portanto, inclui a variável casado (vive ou já viveu com o cônjuge ou companheiro). Ao incluir casamento, de modo a comparar apenas os solteiros, o efeito de ser homem cai para apenas 17%, comparado com as mulheres. E o efeito de estar casado é de 97% a menos de chances de estar na casa dos pais. Ou seja, independente do casamento, mulheres realmente tem uma chance muito maior de deixar a casa dos pais, em comparação aos homens, conforme já vimos. Nesse caso, o efeito de ser homem cai, talvez porque estejamos comparando apenas homens solteiros. Ambos sairiam mais de casa com o casamento, porém existem mais mulheres casadas do que homens nessa faixa etária.

Vale ressaltar que as mulheres realmente se casam mais cedo, na amostra observada. Os dados mostram que 36,8% das mulheres da amostra são casadas, em comparação a 25,3% dos homens.

O modelo 5 aperfeiçoa essa análise ao incluir uma interação entre sexo e casamento. Embora seja difícil interpretar interações entre variáveis *dummy* em termos de razões de chance, o modelo 5 reforça a conclusão do modelo 4 de que a diferença entre homens e mulheres se dá principalmente por as mulheres se casarem antes destes, e por consequência saírem da casa dos pais. Surpreendentemente, o efeito da interação é positivo. Isso poderia ser explicado pelo fato de que homens casados possuem maior chance de permanecer na casa dos pais do que mulheres casadas. Nesse modelo, a chance de estar na casa dos pais para os homens é apenas 8% maior do que a das mulheres. Para comparar com mais exatidão a relação entre homens e mulheres jovens casados e solteiros, calculamos, da mesma forma que no modelo 3, as probabilidades marginais para todas essas categorias de estarem na casa dos pais, o que é mostrado no gráfico 4.

Gráfico 4



O gráfico 4 nos mostra que, realmente, para os solteiros, independente do sexo, a probabilidade de estar na casa dos pais nessa faixa etária é acima de 70%, com uma probabilidade um pouco superior para os homens em relação às mulheres. Porém, o casamento reduz enormemente a probabilidade de estar na casa dos pais. O interessante nesse caso é que nessa categoria há uma diferença maior entre os sexos, ou seja, homens casados tem mais chance de estar na casa dos pais do que as mulheres casadas. Vemos assim que o casamento parece ser uma influência mais forte na saída do ninho do que o trabalho para os jovens brasileiros de hoje, especialmente para as mulheres.

Resta-nos agora testar se a fecundidade reduz a chance das mulheres de estar na casa dos pais (H1.c). A hipótese parece óbvia, porém com o crescente aumento das taxas e dos debates na literatura sobre a geração que “não estuda e nem trabalha”, a análise do dado se torna imprescindível (DIAS, 2017). Para essa hipótese restringimos a amostra apenas as mulheres, e utilizamos a variável (possui algum filho nascido vivo - v1101) transformada em *dummy*. Nesse caso, o modelo 6 possui as variáveis: Idade e fecundidade, e o modelo 7 inclui casamento como um controle.

No modelo 6, ter filhos aumenta as chances das mulheres de não estar na casa dos pais, em aproximadamente 81,5% em relação as mulheres que não tem filhos. Incluindo os controles para educação, região e raça (não mostrados aqui), essa probabilidade praticamente não se altera. O status socioeconômico também não altera a questão da

fecundidade. O efeito de fecundidade poderia ser apenas um efeito indireto do casamento, pois na amostra (com o peso de expansão da PNAD), 71% das mulheres que possuem filhos nessa faixa etária também são casadas. O modelo 7, portanto, inclui casamento como um controle. De fato, para mulheres solteiras, a probabilidade de não estar na casa dos pais é menor nesse modelo. Mulheres solteiras com filhos possuem uma probabilidade praticamente 50% menor do que as que não possuem filhos de estar na casa dos pais. O efeito de casamento não é grandemente afetado pela fecundidade. Apesar disso, podemos dizer, portanto, que ter filhos também é um fator importante a ser considerado para explicar a não permanências das mulheres na casa dos pais.

Todos os modelos da tabela 2 foram testados com controles para região do país, educação e raça (não mostrados aqui), e esses modelos mais completos não alteraram nem a direção, nem grandemente a magnitude dos efeitos principais estudados. Em relação aos controles, podemos dizer que ensino superior aumenta a probabilidade de permanecer na casa dos pais, ser branco (as pessoas que se identificam como brancas) também aumenta a probabilidade de permanecer na casa dos pais e as pessoas da região sudeste possuem maior probabilidade do que as pessoas de todas as outras regiões de permanecer na casa dos pais na faixa etária abordada.

Se brancos, pessoas do sudeste e pessoas com educação superior nessa faixa-etária possuem maior probabilidade de estar na casa dos pais, considerando-se que essas categorias são indicadores de classe social, resta-nos agora testar a hipótese de que a renda é um fator preponderante na permanência das pessoas na casa dos pais.

A tabela 3 testa então a hipótese dois (H2), de que a renda familiar é também um fator muito importante para explicar a saída do ninho dos jovens brasileiros de hoje. Nessa tabela, passamos a comparar indivíduos no quartil mais alto de renda com os demais em relação à probabilidade de permanecer na casa dos pais.

Tabela 3
Probabilidade de estar na casa dos pais - (H2) - Impactos da variável renda
(Resultados em razões de chance)

Variáveis	Modelo Base	M1	M2
Idade	0,82	0,82	0,80
Quartil 4		2,46	1,96
Sexo			1,63
Cor da pele			1,05
Região			1,24
Educação Superior			1,86
Educação pósgrad			1,64

Nota: Todos os valores foram significantes com Alpha <0.05

Na tabela 3 discutimos a hipótese H2 de que a renda influencia positivamente a chance de estar na casa dos pais. O modelo 1 da tabela 3 contém a variável de controle idade, e a variável *dummy* “quartil 4”, que representa o efeito de estar no quarto quartil de renda, ou seja, os 25% de renda familiar mais alta da amostra. Nesse modelo, estar entre os 25% de maior renda familiar, aumenta as chances de estar morando na casa dos pais, em 146%.

No modelo 2 desta tabela incluímos, além da variável sexo, controles para educação, região e raça. Ao fazer isso, estamos testando se o efeito de renda familiar encontrado se deve na verdade, às *consequências* de estar no ultimo quartil de renda, tais como, ser branco, morar na região sudeste ou estar nos níveis mais altos de educação. No modelo 2, o efeito da variável de renda, ou seja, o efeito de estar no ultimo quartil de renda é 1.96 (razões de chance). Para se ter uma ideia, isso significa, intuitivamente, dados os controles, que uma mulher, preta ou parda, sem ensino superior e morando em qualquer região do país que não o Sudeste, ainda teria em média 96% de chance a mais de estar na

casa dos pais, se está no último quartil de renda, do que pessoas que não estão presentes no último quartil de renda (embora essa mulher hipotética seja provavelmente um indivíduo raro ou inexistente na nossa amostra). Ou seja, renda familiar realmente parece ter um efeito preponderante nas chances dos jovens brasileiros entre 15 a 29 anos de deixarem o ninho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proposta tinha como objetivo estudar um aspecto relevante da transição da juventude para a idade adulta no Brasil, ou seja, o momento de deixar a casa dos pais. Procuramos testar duas hipóteses relacionadas às causas desse fenômeno. A primeira hipótese sugeria que as mulheres possuem uma maior tendência a sair mais cedo da casa dos pais. Essa hipótese foi levantada em função de estudos anteriores que sugerem que mulheres casam mais cedo do que homens, e que o casamento é um fator preponderante na saída do ninho tanto no Brasil quanto em outros países.

Essa hipótese não foi refutada pelos dados. Os dados gerados indicam que os homens moram por mais tempo na casa dos pais, sendo o casamento uma importante variável explicativa para a saída antecedente das mulheres.

Testamos também a hipótese de que a entrada para o mercado de trabalho, que a literatura indica que ocorre mais cedo para os homens, seria um fator importante na explicação da diferença entre os sexos nesse momento de saída do ninho.

Quanto a isso, encontramos alguns resultados que vão de certa forma contra as expectativas do senso comum, principalmente o fato de que trabalho, tomado isoladamente, não afeta as chances de permanecer ou sair da casa dos pais, pelo menos da forma como testado no nosso modelo. Porém, verificamos a existência de uma importante interação entre trabalho e sexo nessa explicação. Homens que trabalham possuem maior tendência a não morar na casa dos pais do que mulheres que trabalham (exceto quando essas mulheres que trabalham estão casadas, fato que não testamos diretamente no modelo).

Uma das explicações possíveis para esse fenômeno pode ser o fato de que homens migram mais do que mulheres. O teste do fator migração foge aos objetivos desse trabalho, mas fica a indicação para estudos futuros.

Finalmente, testamos a probabilidade de a fecundidade, para as mulheres, aumentar as chances de sair da casa dos pais. Os modelos testados mostraram que, independente de casamento (ou coabitação), as mulheres com filhos nessa faixa etária possuem praticamente 50% a menos de chance de estar na casa dos pais do que as que não possuem filhos.

Por fim, testamos a possibilidade de que a renda, independente de suas consequências, ou seja, ser branco, morar em regiões mais afluentes do país, e ter níveis educacionais mais altos, seria um fator preponderante na permanência dos jovens na casa dos pais. Essa hipótese foi inspirada em estudos europeus, principalmente que mostram que em casas de famílias mais afluentes os jovens relutam mais em deixar o conforto da casa paterna para viver independentemente. (ANGELINI et al., 2010)

Os resultados encontrados confirmam essa hipótese para o Brasil no período atual. Jovens no último quartil da distribuição de renda familiar possuem uma tendência muito maior a permanecer na casa dos pais do que os jovens em faixas mais baixas de renda, independente dos controles utilizados.

Evidentemente outras explicações para esse fato precisariam ser exploradas, como por exemplo a possibilidade de esses jovens do último quartil de renda retardarem o casamento, a fecundidade, e a entrada para o mercado de trabalho. Explorar melhor essa hipótese poderá ser objeto de estudos futuros.

Para uma melhor análise do fenômeno, seria interessante realizar um estudo comparativo, onde diversos anos da PNAD seriam trabalhados. Por meio desta análise, mudanças ocorridas na trajetória de vida dos jovens brasileiros, poderiam ser identificadas.

A análise da saída do ninho, a partir dos dados da PNAD 2014, se faz importante, visto a escassez de pesquisas na área. Camarano, autora citada diversas vezes na execução dessa pesquisa, teve seu trabalho realizado em 2004. Pesquisas quantitativas sobre a juventude são importantes, pois servem de base para investigações mais profundas e para a elaboração de políticas públicas adequadas. A pesquisa proposta busca contribuir, ainda que minimamente, para o entendimento da trajetória de vida dos jovens brasileiros, e fazer um avanço no estudo do tema da saída do ninho no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELINI, V.; LAFERRÈRE, A.; PASINI, G. Neast Leaving in Europe. In: The individual and the welfare state. 2010, vol. 1, pp 67-80.

ARABSHEIBANI, G.; CARNEIRO, F.; HENLEY, A. Gender wage differentials in Brazil: trends over a turbulent era. World Bank Policy Research, 2003 (Working paper, n. 3148).

CAETANO, M. E. M. Geração canguru: Auxiliando ou prejudicando a inserção do Jovem brasileiro no mercado de trabalho? Dissertação (Graduação) – Departamento de Sociologia – SOL/Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2014.

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; KANSO, S.; PASINATO, M. T. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Última Década, v. 12, n. 21, p.11-50, 2004.

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; KANSO, S. Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição? Eds. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro: IPEA 2006.

CARVALHO, R. L. Casa, comida e roupa lavada: fatores associados à saída do jovem brasileiro do domicílio de origem. Dissertação (Mestrado) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Urbano – Cedeplar/Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2009.

COLLARES, A; NOVAK, B. - Home leaving, Higher Education and the Transition to Adulthood in Brazil: “when will these children leave home?”. PAA, 2010.

COLLARES, A. C. M. - The Expansion of Higher Education in Brazil between 1982 and 2006: disentangling age, period and cohort effects. Population Review, 2013.

DIAS, T. S. Entre ausências, incertezas e labirintos: A inserção social de joens que não trabalham nem estudam no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – UNB, Brasília, 2016.

DOUGLASS, C. B. (2007). From duty to desire: Emerging adulthood in Europe and its consequences. Child Development Perspectives, 1(2), 101-108.

HENRIQUES, C. R. "Geração canguru": o prolongamento da convivência familiar. 2003. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

HOBBSAWM, E. Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 2017.

KUGELBERG, C. Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 27, p. 41-58, set. 1998

LAFÈRRE, A. Leaving the nest: the interaction of parental income and family environment. INSEE, 2004.

LEME, M.; WAJNMAN, S. Tendências de coorte nos diferenciais de rendimentos por sexo. In: HENRIQUES, R. (Org.). *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2000.

MELLO, J. L. Transições para a vida adulta: os jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2005.

NASCIMENTO, A. M. Transição para a vida adulta: situação dos filhos adultos brasileiros no período 1970-2000. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, A. Adolescência prolongada: um olhar sobre a nova geração. *Colloquium Humanarum*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 31-45, jun. 2007.

OLIVEIRA, T. D.; GOLGHER, A. B.; LOUREIRO, P. M. Trajetórias de local de moradia, estudo e trabalho dos jovens brasileiros entre 2003 e 2011: uma análise de entropia. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 31-52, Apr. 2016

SHANAHAN, M. Pathways to adulthood in changing societies: variability and mechanisms in life course perspective. *Annual Review of Sociology*, n. 26, p. 667-692, 2000.

VIEIRA, A. C. S.; RAVA, P. G. S. Ninho cheio: perspectivas de pais e filhos. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 84-96, abr. 2012.

VIEIRA, J. M. Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 25, n. 1, p. 27-48, 2008.

Young, C. M. Ages, Reasons and Sex Differences for Children Leaving Home: Observations from Survey Data for Australia. *Journal of Marriage and Family*, Vol. 36, No. 4 (Nov., 1974), pp. 769-778.

ANEXO - OUTPUT DO STATA

```
. /* TESTANDO AS HIPOTHESES DO TRABALHO
> A) Testando hipótese mulher fica mais no ninho do que homem (H1) */
```

```
. tab homem filhoh [fw = v4729], ro
```

```
+-----+
| Key          |
+-----+
| frequency    |
| row percentage |
+-----+

                | case is a son in the
                | household
      sexo |          0          1 |      Total
-----+-----+-----+
      mulher | 11,752,884 12,761,060 | 24,513,944
            |      47.94      52.06 |      100.00
-----+-----+-----+
      homem  |  9,255,640 15,192,589 | 24,448,229
            |      37.86      62.14 |      100.00
-----+-----+-----+
      Total  | 21,008,524 27,953,649 | 48,962,173
            |      42.91      57.09 |      100.00
```

```
. tab homem filhoh [fw = v4729], co
```

```
+-----+
| Key          |
+-----+
| frequency    |
| column percentage |
+-----+

                | case is a son in the
                | household
      sexo |          0          1 |      Total
-----+-----+-----+
      mulher | 11,752,884 12,761,060 | 24,513,944
            |      55.94      45.65 |      50.07
-----+-----+-----+
      homem  |  9,255,640 15,192,589 | 24,448,229
            |      44.06      54.35 |      49.93
-----+-----+-----+
      Total  | 21,008,524 27,953,649 | 48,962,173
            |     100.00     100.00 |     100.00
```

```
. /* Modelo Base */
```

```
. logistic filhoh i.idade [fw = v4729] /* modelo base */
```

```
Logistic regression                Number of obs   =   48962173
                                   LR chi2(14)        =  7414320.35
                                   Prob > chi2         =    0.0000
Log likelihood = -29736595          Pseudo R2       =    0.1108
```

```
-----+-----+-----+-----+-----+
      filhoh | Odds Ratio   Std. Err.      z    P>|z|     [95% Conf. Interval]
-----+-----+-----+-----+-----+
      idade |
      16   |   .9461979   .0019016   -27.52  0.000   .9424781   .9499323
```


Log likelihood = -29482572 Pseudo R2 = 0.1184

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
idade	.8230331	.0000674	-2377.81	0.000	.822901	.8231652
homem						
homem	1.575502	.0010145	705.94	0.000	1.573515	1.577492
1.trabalho	.9971111	.0007415	-3.89	0.000	.9956589	.9985655
_cons	77.97891	.1369328	2480.86	0.000	77.71099	78.24776

. margins homem

Predictive margins Number of obs = 48962173
 Model VCE : OIM

Expression : Pr(filhoh), predict()

	Margin	Delta-method Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
homem						
mulher	.5237127	.0000941	5564.45	0.000	.5235282	.5238972
homem	.6184557	.0000922	6707.43	0.000	.618275	.6186365

. logistic filhoh idade i.homem i.trabalho homem#trabalho [fw = v4729] /* modelo 3 */

Logistic regression Number of obs = 48962173
 LR chi2(4) = 8187080.74
 Prob > chi2 = 0.0000
 Log likelihood = -29350215 Pseudo R2 = 0.1224

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
idade	.8253879	.0000678	-2334.59	0.000	.8252549	.8255209
homem						
homem	2.747439	.0035581	780.41	0.000	2.740474	2.754422
1.trabalho	1.307729	.0011965	293.24	0.000	1.305386	1.310076
homem#trabalho						
homem#1	.4679621	.0007018	-506.37	0.000	.4665886	.4693395
_cons	62.34728	.112168	2297.12	0.000	62.12782	62.56751

. margins homem#trabalho

Predictive margins Number of obs = 48962173
 Model VCE : OIM

Expression : Pr(filhoh), predict()

	Margin	Delta-method Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
homem#trabalho						
homem#1						

```

homem#trabalho |
mulher#0 | .4897183 .0001475 3320.93 0.000 .4894293 .4900073
mulher#1 | .5469395 .0001212 4511.27 0.000 .5467018 .5471771
homem#0 | .6961384 .0002102 3311.07 0.000 .6957263 .6965505
homem#1 | .5995847 .0001042 5751.48 0.000 .5993804 .5997891

```

--

```

.
. logistic filhoh idade homem trabalho superior posgrad sudeste branco [fw =
v4729] /* com todos os controles *
> /

```

```

Logistic regression                               Number of obs   =   48962173
                                                  LR chi2(7)      =  9396637.76
                                                  Prob > chi2     =    0.0000
Log likelihood = -28745436                       Pseudo R2      =    0.1405

```

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]
idade	.8071984	.0000692	-2500.10	0.000	.8070628 .8073339
homem	1.703443	.0011245	806.85	0.000	1.70124 1.705648
trabalho	.9456731	.0007195	-73.41	0.000	.9442639 .9470844
superior	2.345276	.0020015	998.82	0.000	2.341356 2.349202
posgrad	2.332623	.0103671	190.58	0.000	2.312392 2.353031
sudeste	1.326611	.0008752	428.39	0.000	1.324896 1.328327
brancos	1.124889	.0007462	177.40	0.000	1.123428 1.126353
_cons	85.27525	.1545352	2453.32	0.000	84.97291 85.57867

```

. /* C) H1.2 - influencia do casamento*/
.

```

```

. logistic filhoh idade homem casado [fw = v4729]

```

```

Logistic regression                               Number of obs   =   48962173
                                                  LR chi2(3)      =  2.50e+07
                                                  Prob > chi2     =    0.0000
Log likelihood = -20958681                       Pseudo R2      =    0.3733

```

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]
idade	.9138578	.000087	-946.53	0.000	.9136874 .9140283
homem	1.173689	.0009237	203.50	0.000	1.17188 1.175501
casado	.0303661	.0000325	-3264.41	0.000	.0303025 .0304299
_cons	23.28857	.0491075	1492.88	0.000	23.19252 23.38501

```

. logistic filhoh idade i.homem i.casado [fw = v4729]

```

```

Logistic regression                               Number of obs   =   48962173
                                                  LR chi2(3)      =  2.50e+07
                                                  Prob > chi2     =    0.0000
Log likelihood = -20958681                       Pseudo R2      =    0.3733

```

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]
idade	.9138578	.000087	-946.53	0.000	.9136874 .9140283
homem	1.173689	.0009237	203.50	0.000	1.17188 1.175501
1.casado	.0303661	.0000325	-3264.41	0.000	.0303025 .0304299
_cons	23.28857	.0491075	1492.88	0.000	23.19252 23.38501

. margins homem

Predictive margins
Model VCE : OIM

Number of obs = 48962173

Expression : Pr(filhoh), predict()

	Margin	Delta-method Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
homem						
mulher	.5599014	.0000764	7327.12	0.000	.5597517	.5600512
homem	.5812894	.0000723	8043.28	0.000	.5811478	.581431

. logistic filhoh idade i.homem i.casado homem#casado [fw = v4729]

Logistic regression

Number of obs = 48962173

LR chi2(4) = 2.50e+07

Prob > chi2 = 0.0000

Pseudo R2 = 0.3740

Log likelihood = -20935324

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
idade	.9128155	.0000871	-955.52	0.000	.9126447	.9129863
homem						
homem	1.087761	.0009376	97.59	0.000	1.085925	1.0896
1.casado	.0246085	.0000367	-2482.23	0.000	.0245367	.0246806
homem#casado						
homem#1	1.574633	.0033039	216.38	0.000	1.568171	1.581122
_cons	24.83631	.0530701	1503.33	0.000	24.73251	24.94055

. margins homem#casado

Predictive margins
Model VCE : OIM

Number of obs = 48962173

Expression : Pr(filhoh), predict()

	Margin	Delta-method Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
homem#casado						
mulher#0	.7653313	.0001117	6849.32	0.000	.7651123	.7655503
mulher#1	.0819367	.0001018	804.91	0.000	.0817372	.0821362
homem#0	.7797118	.0001009	7724.53	0.000	.779514	.7799096
homem#1	.1317354	.0001579	834.29	0.000	.1314259	.1320449

. logistic filhoh i.idade [fw = v4729]

Logistic regression

Number of obs = 48962173

LR chi2(14) = 7414320.35

Prob > chi2 = 0.0000

Pseudo R2 = 0.1108

Log likelihood = -29736595

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
idade						
16	.9461979	.0019016	-27.52	0.000	.9424781	.9499323

```

17 | .7230223 .0013975 -167.80 0.000 .7202885 .7257665
18 | .5709838 .0010701 -299.03 0.000 .5688904 .573085
19 | .467276 .0008703 -408.51 0.000 .4655734 .4689849
20 | .3634839 .0006666 -551.87 0.000 .3621798 .3647927
21 | .3228941 .0005969 -611.53 0.000 .3217263 .3240661
22 | .2636832 .0004806 -731.38 0.000 .2627429 .2646268
23 | .2290854 .000421 -801.90 0.000 .2282617 .229912
24 | .1755734 .0003225 -947.22 0.000 .1749425 .1762066
25 | .1477051 .0002699 -1046.56 0.000 .147177 .1482351
26 | .1184641 .0002196 -1150.76 0.000 .1180345 .1188953
27 | .1056563 .0001964 -1209.40 0.000 .1052722 .1060419
28 | .0850424 .0001599 -1311.20 0.000 .0847296 .0853562
29 | .0695108 .0001342 -1380.76 0.000 .0692482 .0697744
|
_cons | 5.034331 .0072117 1128.28 0.000 5.020216 5.048486
-----

```

```

.
. logistic filhoh idade homem casado cashomem superior posgrad sudeste branco
[fw = v4729] /* com todos os cont
> roles */

```

```

Logistic regression                               Number of obs   =   48962173
                                                  LR chi2(8)      =   2.52e+07
                                                  Prob > chi2     =    0.0000
Log likelihood = -20854608                    Pseudo R2      =    0.3764

```

```

-----
      filhoh | Odds Ratio   Std. Err.      z    P>|z|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
      idade |   .9050726   .0000901  -1001.76  0.000    .904896   .9052492
      homem |   1.117808   .0009709   128.23  0.000    1.115907  1.119713
      casado |   .0261007   .0000392  -2427.37  0.000    .026024   .0261777
cashomem |   1.569766   .0032974   214.67  0.000    1.563316  1.576242
superior |   1.296698   .0013461   250.29  0.000    1.294062  1.299339
posgrad |   .9236895   .0047607   -15.40  0.000    .9144056  .9330676
sudeste |   1.177471   .0009546   201.51  0.000    1.175602  1.179344
brancos |   1.131016   .0009261   150.36  0.000    1.129203  1.132833
      _cons |  24.52574   .0536965  1461.47  0.000   24.42072  24.63121
-----

```

```

.
. /* D) H1.3 - influencia da fecundidade - para essa, testar somente as mulheres
*/

```

```

. * fazendo analise apenas para mulheres
. logistic filhoh idade fecund if homem == 0 [fw = v4729]

```

```

Logistic regression                               Number of obs   =   24513944
                                                  LR chi2(2)      =  6545464.11
                                                  Prob > chi2     =    0.0000
Log likelihood = -13698302                    Pseudo R2      =    0.1928

```

```

-----
      filhoh | Odds Ratio   Std. Err.      z    P>|z|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
      idade |   .8775563   .000103  -1112.30  0.000    .8773544  .8777583
      fecund |   .1865431   .0001969 -1590.94  0.000    .1861576  .1869294
      _cons |  33.39825   .0851227  1376.58  0.000   33.23183  33.56551
-----

```

```

. logistic filhoh idade fecund casado if homem == 0 [fw = v4729]

```

```

Logistic regression                               Number of obs   =   24513944
                                                  LR chi2(3)      =   1.43e+07
                                                  Prob > chi2     =    0.0000
Log likelihood = -9834059.7                    Pseudo R2      =    0.4205

```

```
-----
```

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
idade	.9231302	.0001338	-551.76	0.000	.922868	.9233925
fecund	.4944976	.0006861	-507.55	0.000	.4931547	.4958442
casado	.0313481	.0000483	-2247.79	0.000	.0312536	.0314429
_cons	22.58968	.0698633	1008.01	0.000	22.45316	22.72702

```
-----
```

```
. logistic filhoh idade fecund superior posgrad sudeste branco if homem == 0 [fw
= v4729] /* com todos os contr
> oles */
```

```
Logistic regression                               Number of obs   =   24513944
                                                    LR chi2(6)      =  6837676.23
                                                    Prob > chi2     =   0.0000
Log likelihood = -13552196                       Pseudo R2      =   0.2015
```

```
-----
```

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
idade	.858215	.0001095	-1197.88	0.000	.8580003	.8584297
fecund	.2226802	.0002483	-1347.30	0.000	.2221942	.2231673
superior	1.685459	.0020629	426.53	0.000	1.681421	1.689507
posgrad	1.436436	.0085973	60.51	0.000	1.419684	1.453386
sudeste	1.317925	.0012747	285.42	0.000	1.315429	1.320425
brancos	1.035381	.001008	35.71	0.000	1.033407	1.037358
_cons	39.85577	.106198	1383.07	0.000	39.64817	40.06446

```
-----
```

```
.
.
. /* E) Testando a hipótese da influência da renda na saída do ninho (H2) */
.
. logistic filhoh idade quart4 [fw = v4729]
```

```
Logistic regression                               Number of obs   =   48962173
                                                    LR chi2(2)      =  9048065.43
                                                    Prob > chi2     =   0.0000
Log likelihood = -28919723                       Pseudo R2      =   0.1353
```

```
-----
```

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
idade	.8149948	.0000642	-2597.79	0.000	.814869	.8151206
quart4	2.462648	.0017738	1251.20	0.000	2.459174	2.466127
_cons	92.91157	.1628647	2585.23	0.000	92.59291	93.23133

```
-----
```

```
. logistic filhoh idade homem quart4 brancos superior posgrad sudeste [fw =
v4729]
```

```
Logistic regression                               Number of obs   =   48962173
                                                    LR chi2(7)      =  1.02e+07
                                                    Prob > chi2     =   0.0000
Log likelihood = -28358426                       Pseudo R2      =   0.1521
```

```
-----
```

filhoh	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
idade	.8040403	.0000658	-2666.32	0.000	.8039114	.8041692
homem	1.635862	.0010634	757.11	0.000	1.633779	1.637948
quart4	1.961716	.0015173	871.20	0.000	1.958744	1.964692
brancos	1.050252	.0007076	72.77	0.000	1.048866	1.05164
superior	1.862333	.0016652	695.44	0.000	1.859072	1.865599
posgrad	1.636829	.0073261	110.09	0.000	1.622533	1.651251
sudeste	1.242645	.0008307	324.99	0.000	1.241018	1.244274
_cons	82.99808	.1506787	2434.01	0.000	82.70328	83.29393

```
-----
```

.
.
end of do-file